



**UMA  
CAMPANHA  
NACIONAL POR**

**ELEIÇÕES  
&  
DIRETAS**

**alicerce**  
da juventude socialista



CUT marca  
nova  
data  
para a  
Greve  
Geral

No ABC,  
a  
primeira  
resposta  
ao  
2065

Eleições da  
UPES e UMES:  
Na vitória de  
Alicerce, a  
continuidade  
da luta  
contra a  
ditadura.

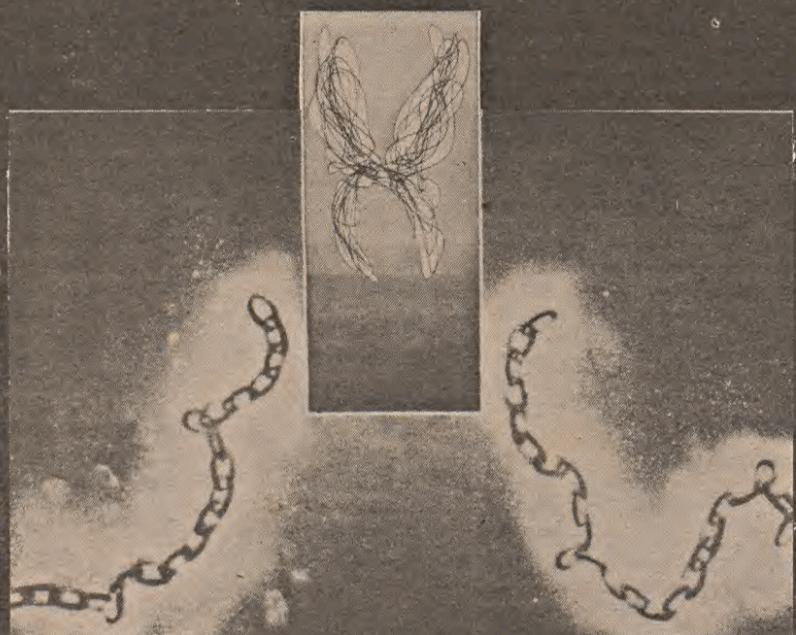
Nº 33

Cr\$ 150,00

De 18/11/83 a 25/11/83

# História das Internacionais Operárias (I)

"BASTAI!" — Gravura de Alex Flemming.



Em meados do século passado, o proletariado dava passos decisivos na sua constituição como classe independente. Seu surgimento na cena histórica ocorreu já nas revoluções européias de 1848, quando pela primeira vez, a partir de sua experiência prática, verificou as contradições insuperáveis que o antepunham à burguesia.

As revoluções democráticas de 1848, sob a pretensa direção da burguesia, tiveram de fato na classe operária a única força capaz de combater a fundo o poder reacionário das monarquias européias. O liberalismo burguês tinha contradições reais com a nobreza, mas já possuía contradições muito mais profundas com o proletariado que, de armas em punho, defendia nas barricadas de rua os objetivos da revolução democrática. Ante a emergência desse colossal inimigo, a burguesia aliou-se por fim aos monarcas agonizantes, seus adversários da véspera, sufocando em sangue a revolução.

Esse duro aprendizado da classe operária se aprofundou até permitir, em 1865, a fundação da Associação Internacional dos Trabalhadores, a I Internacional, num processo que se ligou diretamente à **Comuna de Paris** — o primeiro grande ensaio da revolução operária e socialista — sob a direção de Marx e Engels. Sobre esse período, escreveu Trotsky: "O proletariado era então demasiado débil, se encontrava sem experiência, sem organização e sem conhecimentos. O desenvolvimento capitalista havia progredido o suficiente para tornar necessária a abolição das velhas condições feudais, porém não o bastante para permitir que a classe

operária — produto das novas condições de produção — se destacasse como força política decisiva" (Resultados e Perspectivas).

Assim, embora Marx e Engels fossem direções de extrema capacidade, não podiam, por si sós, jogar um papel objetivo na superação dessas condições descritas por Trotsky, ao contrário da situação atual, quando as condições econômicas do capitalismo e a experiência acumulada pela classe operária estão mais que amadurecidas para a vitória da Revolução Socialista, faltando exatamente, para isso, a existência de uma efetiva direção revolucionária. Dessa forma, o maior mérito da direção de Marx e Engels foi a compreensão da necessidade de construir o partido mundial da revolução, a Internacional Proletária. O grande esforço desses dois grandes revolucionários não esteve na construção de partidos nacionais, mas na construção do partido mundial. E a história da luta de classes, a história do combate dos trabalhadores contra a exploração capitalista, a partir de então passou a ser a história das Internacionais, porque cada conquista operária não é fruto da sua luta isolada em cada país, mas das lutas de todos os trabalhadores do mundo.

Ao publicar, em breves resumos, a história das Internacionais, Alicerce pretende abrir o debate sobre esta importante tarefa da classe trabalhadora em todo o mundo: a construção do Partido Mundial da Revolução. Começamos com a história da Associação Internacional dos Trabalhadores, a AIT, a primeira das Internacionais proletárias.

## A Primeira Internacional e o seu tempo

A **Associação Internacional dos Trabalhadores (AIT)** nasceu na Inglaterra, onde o capitalismo, através da Revolução Industrial, havia chegado ao seu desenvolvimento mais completo. Os conflitos entre operários e patrões se desenvolveram mais poderosamente na Inglaterra, dando lugar ao surgimento das formas essenciais da luta proletária, como as greves, os piquetes, as manifestações de rua, as barricadas e as manifestações políticas. Foi aí também que a classe organizou, pela primeira vez, os seus sindicatos. E foi na Inglaterra que o proletariado adquiriu o profundo sentido de solidariedade internacional e da necessidade imperiosa de basear sua ação na luta contra a sociedade capitalista nessa solidariedade ativa e militante.

Na década de 40 do século XIX, no bojo das crises cíclicas da economia capitalista, se desenvolveu o vagalhão revolucionário de 1848. De 1845 até 1864, com o ascenso revolucionário em curso, houve uma série de tentativas de organização da classe operária, que culminaram na fundação da AIT.

Dessas tentativas, três merecem menção direta. Primeiramente organizou-se, em 1845, a

**Sociedade dos Democratas Fraternalis**, sob a direção de Julian Harney, em Londres, em torno da qual se aglutinaram os refugiados políticos de toda a Europa. Essa foi a primeira organização internacional da classe operária. A segunda foi a **Liga Comunista** que, baseada em princípios programáticos elaborados por Marx e Engels e contidos no Manifesto Comunista de 1848, deu ao movimento operário internacional seu primeiro programa científico. A terceira foi o **Comitê Internacional**, organizado por Ernest Jones, também em Londres, que por meio de demonstrações massivas e manifestos manteve vivas as tradições do internacionalismo, durante os anos da contra-revolução, após a derrota dos levantes de 1848.

No início da década de 60, a situação começou a se modificar novamente em favor dos trabalhadores. Os fatos mais importantes foram desencadeados a partir da crise econômica de 1857, a mais catastrófica do século, da guerra de independência da Itália em 59, da insurreição na Polônia em 63 e do debilitamento da ditadura de Luís Bonaparte na França. Em fevereiro de 1863, Marx escrevia

a Engels: "a era da revolução se abre novamente na Europa".

Durante esse período, a correspondência entre a vanguarda operária inglesa e francesa foi constante, culminando numa manifestação conjunta em Londres, em 28 de setembro de 1864, quando se decidiu criar um comitê para elaborar os estatutos para uma organização internacional operária, a serem aprovados em congresso no ano seguinte, na Bélgica. Nesse congresso de 1865 fundou-se efetivamente a AIT, a **I Internacional**.

O primeiro grande êxito da luta internacional, sob a AIT, foi a conquista dos direitos políticos para a classe trabalhadora, na Inglaterra. Escrevendo a Engels, em 1866, Marx dizia: "As demonstrações dos operários em Londres são fruto do trabalho da Internacional. Por exemplo, *Lucraft*, o líder da manifestação de *Trafalgar Square*, é membro do nosso conselho". Ele se referia a duas manifestações gigantescas, a primeira com cerca de 20 mil pessoas e a segunda com 60 mil, que se converteu em insurreição.

Outras conquistas foram também conseguidas, através de uma vigorosa campanha por uma

legislação trabalhista progressiva. Exigiu-se uma jornada de trabalho mais curta (as 10 horas) e se condenou o trabalho noturno e todas as formas de trabalho prejudiciais às mulheres e crianças.

Todas as lutas e greves ocorridas nos diversos países, após a nova crise do capitalismo em 1866, tiveram apoio efetivo da I Internacional, o que evidentemente desencadeou toda a ira burguesa, principalmente quando Marx, em mensagem escrita, convocou os operários franceses rebeldes, em 1871, a tomarem o poder.

Os dois meses de existência da Comuna de Paris significaram a primeira experiência histórica de poder operário, sendo que após isso os trabalhadores foram massacrados pelas forças da burguesia, ajudadas pelo exército estrangeiro de Bismarck. A contra-revolução de novo estendeu suas asas sobre a Europa, atingindo mortalmente a AIT, que sucumbiu ao lado dos heróicos operários franceses. Terminava no grande drama de Paris a infância da classe operária mundial. Para os primeiros passos da maturidade, uma nova internacional se fazia necessária.

## Assine Alicerce

Nome \_\_\_\_\_  
 Rua \_\_\_\_\_  
 Bairro \_\_\_\_\_ CEP \_\_\_\_\_  
 Cidade \_\_\_\_\_ Estado \_\_\_\_\_  
 Profissão \_\_\_\_\_ Idade \_\_\_\_\_

Alicerce é uma publicação da ACS Editora Ltda., Rua Maestro Cardim, 1048, Liberdade, São Paulo - CEP 01323 - Fone: 289.1663. Diretor Responsável: A. Schreiner. Registrado no 5º Registro de Títulos e Docs. sob o nº 2330, livro A. Composição: Proposta Editorial Ltda. Fone: 263.7400. São Paulo. Impresso nas oficinas da Cia. Editora Jorões.



## Encontre e discuta com Alicerce nestes endereços:

**Amazonas** — Manaus - Av. Constantino Nery, 812 - casa 5 - Centro

**Pará** - Belém - R. Rui Barbosa, casa 4 - Vila ABC

**Maranhão** - Imperatriz - R. Benedito Leite, 634 - Centro

**Pernambuco**

Olinda - Vila Marluce, 44 - Terminal de São Benedito Recife - R. Álvares de Azevedo, 80 (trav. da R. João de Barros)

**Minas Gerais**

Belo Horizonte/Barreiro - R. Hoffman, 5-B (esq. com R. Ollinto Meireles)

Belo Horizonte/Centro - R. Curitiba, 778 - sala 805

Contagem - Av. João César Oliveira, 3041-B - 2º andar

São João Del Rey - R. Mateus Salomé, 22 - sala 3 - Centro

**Mato Grosso do Sul**

Campo Grande - R. Antonio Maria Coelho, 2301 - casa 5 - Centro

**Distrito Federal** - Brasília - Edifício Márcia, sala 809 - SCS

**Rio de Janeiro**

Rio de Janeiro/Centro - Av. Marechal Floriano, 167 - 2º andar

Rio de Janeiro/Méier - R. Joaquim Méier, 600

Rio de Janeiro/Tijuca - R. Pereira Nunes, 129 - casa 1

Niterói - R. XV de Novembro, 106 - sala 4

Volta Redonda - Rua 208, nº 207

Duque de Caxias - Av. Plínio Casado, 5 - sala 118 - Centro

**Rio Grande do Sul**

Porto Alegre - R. Oswaldo Aranha, 934 - Bonfim

Passo Fundo - R. Independência, 640

São Leopoldo - Av. Bento Gonçalves, 1431

Santa Maria - R. Dona Luiza, 570 - subsolo

**São Paulo**

Campinas - R. Barão de Jaguará, 1385 - Centro

Santos - Av. Afonso Pena, 418 - sala 22 - Macuco

São Carlos - Rua Episcopal, 1983

São José dos Campos - Av. Dr. Néilson D'Ávila, 1247 - salas 1 e 2

Ribeirão Preto - R. Prudente de Moraes, 791 - Centro

**Grande São Paulo**

Guarulhos - R. João Gonçalves, 468 - Centro

Mauá - R. Barão de Mauá, 497 - sala 26

Osasco - R. Dona Primitiva Vianco, 739 - 1º andar - sala 1 - Centro

Santo André/Centro - R. Guilherme Marconi, 174 (esq. com R. Sto André)

Santo André/Parque das Nações - Travessa Tebas, 36

São Caetano do Sul - R. Paraíba, 467 - Centro

Diadema - R. N. Sra das Vitórias, 200

**São Paulo/Capital**

Santana - R. Voluntários da Pátria, 1617

Freguesia do Ó - R. Marapirima, 41

Lapa - R. 12 de Outubro, 325 - sala 9

Liberdade - R. Santa Madalena, 22

Santo Amaro - R. Cel. Luiz Barroso, 240

Ipiranga - R. Cisplatina, 849

Cidade Ademar - Av. Cupecê, 3397 - sala 2



# A CONTRA-OFENSIVA DO IMPERIALISMO

As tropas ianques esmagam a revolução em Granada. Os soldados ianques entram em combate no Líbano como não faziam desde a guerra do Vietnã. A frota de guerra ianque vagueia ameaçadora pelo Atlântico e pelo Pacífico. Multiplicam-se os tratados militares regionais. Os mísseis ianques erguem-se na Europa Ocidental. Reforçam as bases ianques nos quatro cantos do mundo.

A primeira vista, a impressão que se tem é que, montado na Presidência dos EUA, Ronald Reagan pretende repetir, agora no cenário mundial, os seus feitos de bandido-canastrão de Hollywood. É verdade que Reagan representa a direita mais reacionária e agressiva da burguesia norte-americana, e isso pode ajudar a explicar o aventureirismo de muitas de suas ações. Mas não explica o motivo fundamental delas. Para compreender o verdadeiro caráter da ofensiva imperialista que estamos presenciando, temos que ver contra quem ela é dirigida, e por que se expressa de forma tão violenta.

O fim da guerra do Vietnã, em 1975, marcou a primeira derrota militar histórica da maior potência imperialista, os EUA, e abriu uma época de importantes triunfos da revolução. A revolução portuguesa (combinando-se com as lutas de libertação de suas colônias na África), a derrubada do xá no Irã e da ditadura de Somoza na Nicarágua, a impossibilidade de derrotar militarmente a guerrilha salvadorenha ou de acabar com a resistência palestina, o desmoronamento das ditaduras do Cone Sul da América Latina — tudo isso representa importantes retrocessos nas posições do imperialismo.

Inicialmente, os EUA tentaram recuperar essas posições através de contra-revoluções democráticas, que se expressaram na política de direitos humanos do ex-presidente Carter. A contra-revolução democrática se apóia em aberturas democráticas preventivas à revolução dos trabalhadores. Todavia, seu êxito como freio depende do grau das concessões econômicas feitas ao movimento de massas e da credibilidade frente às massas dos partidos (tanto burgueses como operários) que apoiem a contra-revolução. No entanto, a crise leva o imperialismo a aumentar ainda mais a exploração dos trabalhadores, ajudando a desgastar estes partidos, que nada têm a oferecer aos trabalhadores, a não ser a aceitação passiva da miséria. Assim, a política de contra-revolução democrática não conseguiu conter o ascenso. Por isso, já Carter, no fim de seu governo, muda essa política e começa a adotar a linha agressiva que caracteriza o atual governo de Reagan. Trata-se de uma brutal **contra-ofensiva** que busca deter o avanço da revolução mundial.

Esta contra-ofensiva se enfrenta com o ascenso revolucionário mais importante desde 1950, multiplicando as áreas de conflito aberto entre a revolução e a contra-revolução em todo o mundo. Apesar de todo o poderio imperialista, suas iniciativas não têm conseguido estabilizar a situação a seu favor. Pelo contrário, em geral, o resultado é a ampliação da crise e a manutenção do ascenso, como a América Central e o Líbano podem provar. Numa dinâmica enlouquecida, um Reagan cada vez mais parecido com Hitler se atira a uma contra-ofensiva que se apóia em um tripé: o intervencionismo, o armamentismo e a pihagem econômica contra as semi-colônias, os estados operários e o proletariado dos países imperialistas.



Leia no último número do **Correio Internacional** as "Teses sobre a Situação Internacional" e o artigo "Dólar de Poucos, a Dor de Muitos".

## A intervenção militar, cada vez mais direta

É claro que tio Sam prefere tirar as castanhas do fogo com a mão do gato, e deixar que outros arquem com as baixas, as críticas, o desgaste. A guerra do Iraque contra o Irã, a ação da Inglaterra nas Malvinas, a intervenção das tropas francesas no Chade, servem aos interesses dos EUA sem o inconveniente de apresentarem mortos norte-americanos. Mas nem sempre é possível manter essa distância. O imperialismo vê-se obrigado a um envolvimento cada vez mais direto, financiando, armando e treinando as forças contra-revolucionárias. É o que acontece na agressão israelense ao Líbano, nos movimentos do exército da ditadura salvadorenha contra a guerrilha, nas incursões dos somozistas, armados pela CIA, à Nicarágua.

Ainda não basta. Nas últimas semanas, assistimos



Marines em ação no Líbano.



Missil Cruise, cujas plataformas estão sendo instaladas na Europa Ocidental.

a um aprofundamento qualitativo dessa contra-ofensiva, com a intervenção direta das tropas ianques: sob o tênue disfarce de "forças de paz" no Líbano, praticamente sem máscara em Granada. Desse quadro também fazem parte as "manobras" militares conjuntas com Honduras, que esta semana foram engrossadas com mais dois mil soldados ianques, preparando claramente uma possível invasão à Nicarágua.

Aparentemente recuperado da síndrome do Vietnã (o trauma causado pela sua derrota), o imperialismo assume novamente sua intervenção militar direta na contra-revolução, sob o risco de criar um, dois, três novos Vietnãs. O imperialismo consegue no máximo vitórias militares temporárias, como nas Malvinas, ao custo de ajudar a desestabilizar o regime militar argentino e todo o Cone-Sul. Derrota temporariamente a resistência palestina no Líbano, mas levando Israel à maior crise de sua história (mobilizações massivas pela paz, nunca antes vistas, crise econômica fabulosa) e à abertura de um flanco enorme nos territórios ocupados. A América Central, hoje praticamente toda conflagrada, é o exemplo mais típico dos resultados imperialistas.

## Fonte de lucro:

### armas contra a revolução

A outra face da ofensiva norte-americana é o **armamentismo** sem precedentes, dirigido contra os estados operários e contra a revolução no mundo todo.

Seu aspecto mais sinistro é a pretendida instalação de mísseis nucleares ianques nos países da Europa Ocidental, apontados contra a URSS. Os primeiros foguetes já chegaram à Europa e sua instalação está prevista até o fim do ano, embora enfrentando a oposição coordenada e vigorosa de milhões de ativistas, na Alemanha, Inglaterra e outros países.

Essa insana acumulação de meios de destruição proporciona, ao mesmo tempo, enormes lucros às empresas ligadas ao chamado "complexo industrial-militar". Nada menos que 700 bilhões de dólares (o equivalente ao total da dívida externa de todos os países semicoloniais e estados operários) são investidos, a cada ano, na produção de armas.

A produção de armas é o verdadeiro carro-chefe da recuperação econômica dos EUA, financiada pela cobrança parasitária das dívidas dos países semi-coloniais. A mais sinistra das ironias: generalizar a miséria em todo o mundo para, como resultado, produzir armas que garantam a continuidade desta miséria.

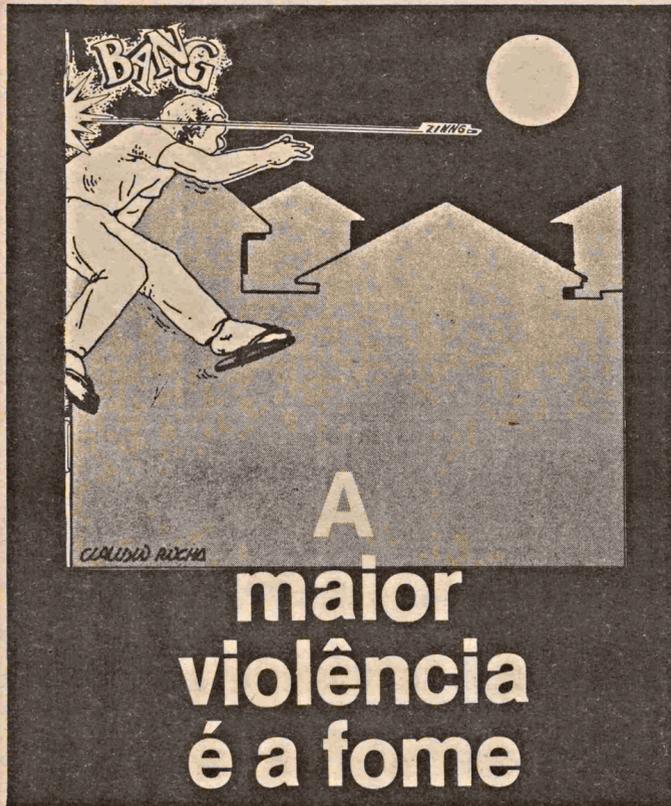
## O ataque econômico pela agiotagem da dívida externa

O principal mecanismo da **ofensiva econômica** do imperialismo é a sucção dos recursos dos países dependentes e semicoloniais, através do endividamento externo destes.

Até o começo deste século, a expansão capitalista representava ainda um crescimento econômico real. Trocando em miúdos: aumentava a riqueza produzida nas colônias, embora as respectivas metrópoles levassem a parte do leão. Isso já não acontece mais. Com o aprofundamento de sua crise econômica, o imperialismo passa a cobrar violentamente os seus empréstimos e investimentos anteriores, e os juros, e os juros sobre juros. As riquezas do mundo todo sendo drenadas para os centros imperialistas, especialmente para os EUA, através de pura e simples agiotagem.

Percebemos isso claramente no arrocho que afeta os trabalhadores brasileiros. Esse arrocho nos é imposto, através do decreto 2.065, para que o governo consiga a liberação de recursos do FMI e dos bancos estrangeiros. Por acaso esses recursos vão ser investidos no Brasil, criando novos empregos? Não, vão diretamente para





# A maior violência é a fome

Com o mesmo destaque que dá às eleições diretas, a grande imprensa fala sobre a criminalidade e a sua violência. Por que de uma hora para outra a discussão sobre a criminalidade ganhou tanto peso?

A grande imprensa tem se destacado por desenvolver uma verdadeira campanha sobre o aumento da violência no Brasil. A força com que ataca a marginalidade não tem por base "a defesa do cidadão indefeso" como pretendem mostrar. O que os jornais, as rádios e as TVs querem, já que representam a burguesia, é uma polícia mais repressiva, com os métodos da época mais negra da ditadura. Ao lado disso, estimulam a burguesia e a classe média a se armarem por conta própria e a se organizarem em verdadeiros embriões de grupos paramilitares fascistas. Esta campanha foi iniciada pelos comerciantes da periferia de São Paulo, por ocasião dos saques, que começaram a se armar para proteger os seus supermercados e a reivindicar que a polícia tivesse uma atuação mais dura contra os saqueadores.

Porém, quais são os objetivos políticos que alimentam o prosseguimento desta campanha? A manutenção do regime militar e seus planos de arrocho, bem como a defesa da propriedade privada. Dentro dos acordos que a burguesia e os partidos de "oposição" fazem com os generais, é explícito a manutenção do arrocho. Só por aí a burguesia pode garantir os lucros das suas empresas e o pagamento da dívida externa. Isto, em poucas palavras, significa o aprofundamento da miséria a que os trabalhadores estão submetidos. Porém, os trabalhadores já dão sinais de estarem saturados e a fome. Por isso explodem em manifestações violentas como nos episódios, em São Paulo, da destruição das estações de trem e de bairros inteiros. A ampliação destas explosões apavora a burguesia, que teme que a sua propriedade privada seja atacada por esses "criminosos". Por isso propõem que haja uma polícia mais repressiva e que a classe média se arme.

Esta campanha já começa a ter seus primeiros resultados. É assim que, em São Paulo, Montoro mudou a cúpula da polícia permitindo, dessa forma, a volta daquilo que se convencionou chamar de "velha polícia", ou seja, o retorno à liberdade total para o uso da repressão, tortura e prisões indiscriminadas de qualquer pessoa "suspeita", ao lado da corrupção desenfreada.

Os resultados junto aos comerciantes também já existem. É o caso do linchamento, em São Paulo, do pedreiro José Itamar dos Santos, desempregado há tempos (hoje em dia leva-se 7 meses, como mínimo, para se conseguir um novo emprego) e que, cansado de ver seus cinco filhos com fome, além dele próprio e de sua mulher, resolveu roubar comida. Após assaltar uma mercearia, onde esfaqueou o filho do proprietário, que tentou impedi-lo, José foi "visitado" à noite em sua casa (um único cômodo de 6 m<sup>2</sup>) pelo proprietário da venda, com outros comerciantes que o apunhalaram e lincharam em frente à sua família. É este o significado da "segurança" defendida por essa campanha fascista.

## A verdadeira violência

A verdadeira violência, no entanto, é a miséria. A miséria causada pelos patrões e pelo governo, tão defendidos por estes mesmos jornais. A violência do 2065, a violência do desemprego. Segundo os últimos dados do IBGE, dentre os 47 milhões de brasileiros aptos a trabalhar, 10 milhões ganham de zero a meio salário mínimo, com seus dependentes, ao todo uns 25 milhões, na miséria absoluta. Esta é a violência dos patrões, defendida por uma polícia violenta e corrupta.

Sem saída para enfrentar uma e outra violência, José Andréza de Souza, pedreiro, desempregado, matou seus quatro filhos e suicidou-se. Este era apenas um entre os milhões que já não têm alternativas para a fome e já não têm esperanças, só desespero. São cinicos os que defendem conscientemente o aumento da violência, da repressão para enfrentar o desespero. Na verdade, querem ver a repressão fortalecida para poder enfrentar as greves dos trabalhadores e as mobilizações dos desempregados. Montoro é um covarde por aceitar essas pressões. Mas, além de cinicos e covardes, são representantes do capitalismo. Capitalismo, que em si, significa violência, miséria e repressão. Só derrubando a exploração do homem pelo homem, só com o socialismo, se poderá abrir o caminho para o desenvolvimento pacífico do homem. Para chegar lá, começemos por combater o arrocho salarial, o desemprego e o regime militar, que agora se disfarça de "guardião" contra a criminalidade.

## Eleições diretas para presidente

# Essa luta é contra a ditadura militar

**"Prometo fazer desse país uma democracia."** Essa afirmação, feita pelo general Figueiredo, no início do seu mandato, expressava sua política de prosseguimento ao projeto de "aberturas democráticas", iniciado no governo Geisel. E agora, esse país vive sob uma ditadura, uma democracia, ou uma mescla de ambas, sendo um país em "transição para a democracia", como afirmam os políticos burgueses? E com o atual "diálogo" e as possíveis eleições diretas?

Em primeiro lugar, devemos partir do fato de que existe no Brasil um regime militar, implantado pelo golpe de 64. Um regime a serviço do imperialismo e da superexploração dos trabalhadores. Um regime que está apoiado no Alto Comando das Forças Armadas, principalmente no Exército, e também numa burocracia estatal hiper-desenvolvida e corrupta, representada por figuras como a do ministro Delfim Neto. Um regime que tem na legislação repressiva (LSN, Lei de Greve, Lei Orgânica dos Partidos) e na existência de um forte aparato repressivo (SNI, PF, DEOPS), armas sempre ao alcance das mãos para reprimir os trabalhadores e suas lutas. Mas sobretudo um regime onde as decisões sempre se concentram nas mãos de um homem, do general de plantão na presidência da República, que deve atuar como árbitro permanente entre os diversos setores burgueses e seus diferentes interesses. Um regime com essas características nada mais é do que uma ditadura militar. E essa ditadura aí está, nós bem o sabemos, para fazer passar os planos de fome e miséria para os trabalhadores ditados pelo FMI e pelo governo Reagan.

Por que então, esse regime acena com eleições diretas, que constituem uma das reivindicações democráticas centrais da classe trabalhadora e da população explorada?

Na verdade, a discussão no interior do governo em torno às eleições diretas ou, em variante menos ousada, em torno a uma candidatura de consenso para o atual Colégio Eleitoral (hipótese que, evidentemente, não foi descartada), tem conteúdo semelhante ao do projeto de "aberturas", inicialmente deflagrado pelo ditador Ernesto Geisel, em fins de 74; significa uma saída preventiva ao ascenso dos trabalhadores, uma forma de contra-revolução democrática que possa canalizar para o parlamento e para os canais "normais" da democracia burguesa esse ascenso, preservando a essência do regime (a tutela militar e a aplicação dos planos de arrocho) e buscando impedir a explosão de uma crise revolucionária que o pulverize, como ocorreu com ditaduras menos precavidas como a de Somoza ou a do Xá do Irã.

Lembremo-nos de que a "abertura" geiselista foi produto direto do fim da "milagre" e do início da crise econômica que levou à enxurrada de votos para o velho MDB em 74. A entrada em cena dos trabalhadores, a partir das greves de 78-79, implicaram na aceleração dos ritmos dessa "abertura" preventiva, levando, já nos primeiros momentos do governo Figueiredo, ao fim do AI-5, à anistia parcial e, posteriormente, às eleições diretas para governadores em 82, já no marco de um acordo nacional com as oposições para conter a vaga grevista, para "garantir as eleições".

Foram as lutas dos trabalhadores, e não as oposições burguesas que conquistaram um maior espaço democrático. No entanto, este primeiro ensaio de pacto nacional, associado a uma violenta repressão às greves, terminou por conseguir um êxito momentâneo, freando, de fato, o ascenso ao longo de 81 e 82 e atrasando por algum tempo a abertura de uma etapa superior na luta de classes no país.

Sob as novas condições existentes em 83, os acordos com o FMI, o maior arrocho e a maior crise econômica já conhecidos nestes últimos 20 anos, o ascenso retomou sua



## PT e CUT

# A campanha por eleições diretas para presidente chega às ruas

Nos últimos dias, os noticiários dos jornais publicaram várias declarações de governadores (Montoro, Britzola), parlamentares das oposições burguesas e mesmo do PDS (Alberico Cordeiro, deputado por Alagoas), de homens do governo ou até há pouco ligados a ele (Hélio Beltrão, ministro demitido da pasta da Previdência Social), todas defendendo a existência de uma campanha nacional por eleições diretas. Mas, apesar de tantas declarações, esses políticos e seus partidos até aqui não encaminharam uma palha para além do terreno das intenções, nesse sentido.

Contrastando com esse imobilismo tagarela, ganha importância decisiva a realização em São Paulo de Ato por eleições diretas, pelos direitos humanos e pelo fim do arrocho salarial, chamado pelo PT, pela CUT, pela Associação Brasileira de Imprensa e pela Comissão de Justiça e Paz de São Paulo, para o dia 27, às 12 horas, na Praça Charles Miller (Pacaembu), na capital. Essa é a primeira grande manifestação de rua pela conquista dessa reivindicação democrática central, combinada ao fim do arrocho. Por isso mesmo, pode representar um ponto de referência para a deflagração de uma grande campanha nacional que, nas ruas, nos bairros, nas grandes concentrações operárias e populares, mobilize pela conquista de eleições diretas para presidente. Para o Ato de São Paulo estão convocados todos os partidos políticos, e também o governador do Estado, Franco Montoro, que se diz em campanha pelas diretas. Chegou o momento desses partidos e do governador Montoro provarem isso, respondendo ao chamado do PT, da CUT e demais entidades, e se lançando na mobilização efetiva. Nós, socialistas, não apenas nos incorporamos aos setores que chamam à deflagração dessa campanha e à participação nesse Ato, como também nos dispomos a mobilizar a fundo pelo seu êxito, garantindo uma grande manifestação por eleições livres e diretas sem fome nem generais, que possa ser o estopim de um processo que, combinando-se às lutas da classe trabalhadora, se ligue à Greve Geral marcada pela direção da CUT para abril. O chamado está feito.

marcha ascendente, dando um salto de qualidade com o grande ensaio de Greve Geral de 21 de julho. Novamente a partir da luta da classe trabalhadora, a crise econômica transborda numa crise política sem precedentes, obrigando o governo Figueiredo a retomar o caminho iniciado por Geisel num patamar superior, agora ensaiando, via o diálogo e a negociação em torno às eleições diretas, um pacto social em escala maior, porque o ascenso também é maior. Afinal, os militares sabem que o avanço da classe trabalhadora rumo à Greve Geral pode ter para eles as mesmas consequências que teve a Greve Geral na Bolívia que, no ano passado, derrubou a ditadura naquele país. Para impedir isso, aí está o diálogo, aí está a negociação burguesa em meio à qual Figueiredo, o árbitro entraquecido, busca chegar a um futuro governo com autoridade suficiente perante os trabalhadores e perante o conjunto da burguesia para fazer passar os mesmos planos de arrocho atuais, ou planos mais violentos ainda, em troca de algumas concessões democráticas, entre as quais, possivelmente, as diretas com fome e com generais, ou seja, mantendo o arrocho e o regime camuflado.

Para nós trabalhadores, essa não é uma questão qualquer. Afinal o governo e os patrões estão decidindo não apenas sobre a continuidade da nossa fome, mas também sobre o futuro e a continuidade do regime militar. Para nós, a luta contra a fome, contra os planos de arrocho, passa necessariamente pela luta contra esse regime, pelo seu fim, pelo escorramento imediato de Figueiredo, Delfim e todos os militares que nos mantêm na miséria, no convívio com a morte (morte física, pela fome, pelo desespero que leva mães e pais desempregados ao suicídio). Queremos eleições diretas para presidente, mas eleições aos quartéis, sem qualquer tutela política, pública ou camuflada, com o fim dos aparatos e leis repressivas, com liberdade para a organização e legalização de todos os nossos partidos e organizações políticas.

Para nós, a conquista de eleições diretas faz parte da luta pelo fim do regime militar, sendo claramente rejeitado, apesar dos esforços de uma militância do jornal *O Trabalho*, que, de acordo ao seu puxaquismo, permanentemente se batia por esta posição. Em geral, prevaleceu o tom crítico a todo o encaminhamento dado, resgatando a necessidade de corrigir os erros do passado para melhor encaminhar a futura greve. Ao final, no entanto, foi votado um documento de balanço que recua em muitas das discussões feitas na direção,

Aos partidos burgueses de oposição, que hoje falam também em campanha pelas diretas diremos: sejam consequentes com suas palavras e mobilizem efetivamente pela conquista das diretas, coisa que até agora nunca fizeram. Conquistemos as eleições diretas na luta contra o regime e contra a sua política econômica, e não através dos conchavos com os que nos exploram e reprimem. Não se negocia democracia, barganhando em troca a fome, os baixos salários e o desemprego para a classe trabalhadora. Para esta, só existem duas alternativas: avançar através do conchavo, a um governo "democrático" como um Montoro a nível nacional, para garantir a sobrevivência do regime, que irá arrochar e reprimir as nossas lutas, numa reedição do que ocorreu em 80/82, ou avançar na luta pela derrubada deste regime e desse pacto espúrio de fome e repressão.

## Reunião da Direção Nacional da CUT

# Uma nova data para a Greve Geral:

# ABRIL!

A reunião da Direção Nacional da CUT era aguardada por todos; afinal, era a primeira reunião de toda a direção após a suspensão da greve do dia 25 de outubro. O balanço do que se passou e a definição de uma nova data para a greve eram fundamentais para a construção da CUT. Além do mais, a reunião se dava no meio de uma greve no ABC, que poderia repetir o processo do dia 6-7 de julho, ou seja, ser o novo início de uma greve geral.

A reunião não correspondeu às expectativas: fez somente um balanço parcial do dia 25 e marcou a nova greve só para abril, ou seja, daqui a 6 meses. Mas, de qualquer maneira, apontou uma resposta para o movimento de massas e para a construção da CUT. Agora se trata de por mãos à obra. E que todos, realmente, a começar pela direção da CUT, se empenhem na preparação da nova greve.

## O balanço

A discussão de balanço foi muito rica, expressando as polémicas surgidas na base em relação ao encaminhamento dado pela direção à preparação e depois à suspensão da greve. As delegações do Amazonas, Paraná, Ceará e Maranhão criticaram o fato de ter a Executiva centrado a preparação no 2045, contrariando a orientação da própria direção nacional, e se manifestaram contrários à suspensão da greve. Houve críticas igualmente da Bahia e Pará que, no entanto, aceitaram a suspensão como inevitável, dada a fraca preparação da greve. Das delegações de S. Paulo e Rio de Janeiro vieram balanços mais parciais e limitados da atuação da direção da CUT, defendendo a suspensão da greve. Houve mesmo defesas na linha do "quem critica a direção, ataca a CUT". Este tipo de intervenção era acompanhada de atribuição de toda a responsabilidade pela não realização da greve ao boicote dos pelegos, como se isto já não tivesse sido previsto desde o CONCLAT de São Bernardo. No entanto, este tipo de balanço não teve espaço na discussão, sendo claramente rejeitado, apesar dos esforços de uma militância do jornal *O Trabalho*, que, de acordo ao seu puxaquismo, permanentemente se batia por esta posição. Em geral, prevaleceu o tom crítico a todo o encaminhamento dado, resgatando a necessidade de corrigir os erros do passado para melhor encaminhar a futura greve. Ao final, no entanto, foi votado um documento de balanço que recua em muitas das discussões feitas na direção,

atribuindo a responsabilidade da suspensão da greve à "confusão causada pela retirada do 2045" e à "sabotagem dos pelegos", fazendo uma tímida autocritica por se ter centrado o eixo no 2045 e por "problemas de coordenação interna".

## Uma nova data para a Greve

Antes da reunião da direção da CUT, ocorreram uma série de manifestações em sua base pela marcação de uma nova data para a greve. Estas propostas foram levadas à direção da CUT por várias delegações estaduais. Um fato profundamente positivo. Os representantes do Amazonas trouxeram uma proposta de uma nova data ainda este ano, aprovada em uma plenária da CUT. Manaus. Ao final ficaram para ser votadas duas propostas: a primeira que unificava todos os que defendiam uma nova data (em abril, agrupando Ceará, Paraná, Amazonas, Bahia, Pará, uma parte de Goiás), outra que apontava somente para o mês de abril. A última proposta foi vencedora, repetindo um erro já cometido no CONCLAT, em que se inicia a preparação de uma luta sem data clara para a qual se possa já começar a trabalhar.

De qualquer maneira, a marcação de uma Greve (ainda que sem data precisa) para abril, aponta uma perspectiva para o movimento de massas. O mês de abril é justificado pela coincidência com os picos das campanhas salariais, em especial a dos metalúrgicos do ABC, e pelo 20º "aniversário" do golpe de 64. A preparação da greve passa a ser a principal tarefa colocada para o movimento de massas. Em torno desta preparação deve girar todo o calendário da mobilização e congressos da CUT (vide quadro).

Em torno também da preparação da Greve Geral e dos congressos da CUT é que foi definida a relação com as direções sindicais ligadas ao Conclat de Praia Grande. Foi marcada uma reunião com seus representantes para propor oficialmente a unidade para a greve geral, e ao mesmo tempo, foi definida uma pressão pela base para buscar integrar os sindicatos aos congressos regionais e estaduais da CUT. Enfim, agora o que temos a fazer é arregaçar as mangas, reativar os comandos de base e iniciar a preparação da greve. E, neste processo, exigir da direção da CUT um comprometimento com a sua preparação, algo que não ocorreu com a do dia 25 e que, infelizmente, não foi resolvido com o balanço realizado.

# Um primeiro cronograma para a Greve

Final de janeiro- começo de fevereiro	_____ dia nacional de lutas
começo de fevereiro	_____ plenária da CUT com direções sindicais que concordem com a greve
até 15 de março	_____ congressos regionais e estaduais para estruturação da CUT
abril	_____ Greve Geral

# Greve dos Metalúrgicos de São Bernardo

## A primeira resposta ao 2065

Os metalúrgicos do ABC pararam contra a aplicação em seus salários dos decretos-lei 2045 e 2065. Foi a primeira greve, a primeira resposta dos trabalhadores mostrando que não vão aceitar o arrocho salarial imposto pelo FMI, e aceito com a concordância dos partidos de "oposição" burgueses (vide jornal *Alicerce* anterior).

A greve demonstrou também que os metalúrgicos continuam reconhecendo a direção sindical que elegeram e repudiando a intervenção. A direção da greve foi todo o tempo a direção cassada do sindicato, acompanhada das comissões de fábricas, e os operários chegaram a invadir o prédio do sindicato sob intervenção, realizando em seu interior uma das assembleias da greve.

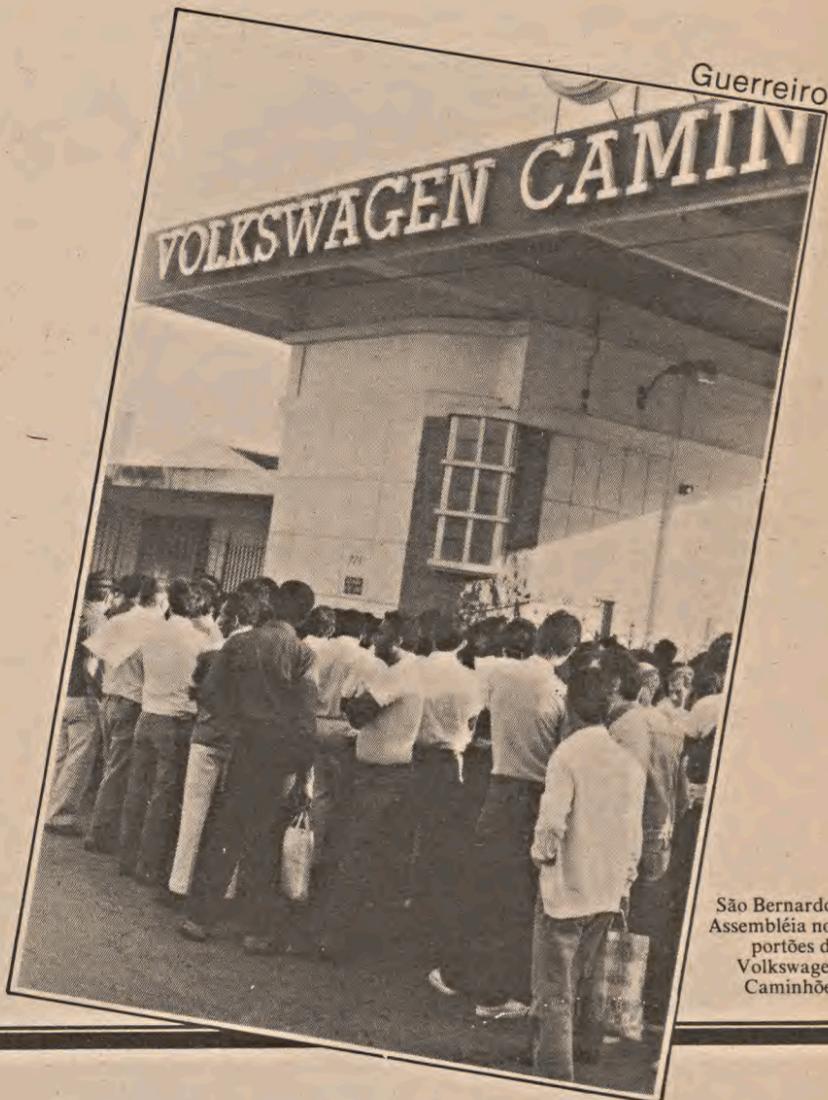
No entanto a vitória foi parcial, conseguiu-se um resultado bastante pequeno. Na verdade não se conseguiu atingir a reivindicação inicial de reajuste de 100% do INPC para todas as faixas. Da posição inicial da burguesia, de aplicação rígida do 2065, só se conseguiu arrancar um abono que varia de 20 a 30% do salário em dezembro.

A burguesia, desde o início, mostrou-se irredutível. A ANFAVEA — a associação dos patrões da indústria automobilística — afirmou que estava dando o reajuste permitido pelo governo. O representante da Delegacia Regional do Trabalho dizia o mesmo e chegou a ameaçar quem quer que, sob a pressão da greve, se dispusesse a ceder mais. A política dura da

burguesia chegou a um momento grotesco, quando o gerente de relações industriais da Ford, em uma reunião com a comissão de fábrica, como resposta às reivindicações, baixou as calças, a cueca, e mostrou as nádegas aos trabalhadores.

O que se passava? A burguesia sentindo o enfraquecimento do movimento, com a suspensão da Greve do dia 25, tentava fazer passar pela goela da vanguarda dos trabalhadores o decreto do arrocho. As montadoras tinham estoque para se sustentar e enfrentar uma greve longa, de pelo menos 20 dias. Assim, os metalúrgicos só tinham duas alternativas: ou aceitar qualquer coisa que se conseguisse, ou ampliar o movimento para as outras categorias.

Não seria possível reprisar o ocorrido em 6 e 7 de julho, quando a greve dos petroleiros de Paulínia e metalúrgicos do ABC impactaram de tal forma o movimento de massas com o chamado à Greve Geral, que abriram as portas para a greve do dia 21 de julho? Os metalúrgicos não poderiam começar a levantar de novo o país em direção a uma nova greve, articulada com a CUT? Pensamos que sim. No entanto, a direção cassada do sindicato de S. Bernardo preferiu manter a greve localizada, não estendê-la, e com isto não restava mesmo outra alternativa que aceitar o abono, uma vitória parcial, um ganho mínimo para quem vê os preços dos alimentos disparando a base de 330% ao ano.



São Bernardo: Assembleia nas portões da Volkswagen Caminhões

Professores — Rio de Janeiro

## Nas eleições para o CEP, uma alternativa de direção que surge



Metalúrgicos — Rio de Janeiro

## Uma eleição marcada pelo ódio ao



super-pelego Pimentel

No dia 14 realizaram-se as eleições para o Centro Estadual do Professorado do Rio de Janeiro, CEP. O fato mais importante destas eleições foi a existência de uma chapa de oposição, fato que atualmente se multiplica em todas as categorias sindicais. Mas nesse caso, a apresentação da chapa de oposição se reveste de um caráter especial.

A importância desta chapa de oposição pode ser dimensionada corretamente a partir da retomada da própria história da entidade. O CEP foi produto das grandes greves da categoria em 79. A primeira greve, em março, resultou numa gigantesca vitória para os professores, pois então foi conquistado um reajuste de 100% nos salários, algo profundamente expressivo naquele momento. Esta vitória permitiu que o CEP, um sindicato livre, se massificasse, realizando assembleias com mais de 5 mil professores e obtendo milhares de afiliações em todo o Estado. A segunda greve, realizada em agosto, foi parcialmente derrotada, já que o governo peemedebista de Chagas Freitas cercou o sindicato, impedindo o seu funcionamento. A partir dessa intervenção, começou, por parte do governo, um violento ataque de arrocho ao professorado.

Este ataque só pode ser entendido se analisarmos o papel que desempenhou a direção, após a intervenção da entidade. Nessa direção, a máxima expressão é, sem dúvida, o professor Godofredo que, não apenas retrocede da luta, como passa a assumir uma postura de aceitação passiva dos ataques do governo. Não contente com isso, Godofredo, que era do PT, concilia abertamente com o governo chaguista chegando a sair do partido operário para entrar no PMDB do governo interventor e arrochador. Em 81, Godofredo permanece na direção do sindicato, incorporando membros do tristemente célebre jornal *Hora do Povo*. Em 82, se lança

candidato a deputado pelo PMDB, em apoio a Miro Teixeira, cria direta e diletta de Chagas Freitas, sendo derrotado. Em todo este período de intervenção (que durou até o fim da gestão de Chagas), o CEP não organizou nenhuma luta de resistência da categoria aos ataques econômicos. Esta passividade se tornou gritante neste ano, sob o governo Brizola, que concedeu um único reajuste de 70%, quando a inflação chegou a 200%, e que agora anunciou o não pagamento do 13º salário ao professorado. Esse acúmulo de derrotas levou a categoria a perder a confiança na sua entidade, afastando-se dela, o que se refletiu, nestas eleições, no reduzidíssimo colégio eleitoral, que não chegou a 4 mil professores, numa categoria que tem 120 mil trabalhadores. Por tudo isso, o surgimento da chapa de oposição, que reúne os ativistas da vanguarda que resistiu a esse processo e que cresce exatamente a partir das regiões mais proletárias da Baixada Fluminense, assume importância decisiva, surgindo como o primeiro sinal claro do reanimamento da categoria, que recém começa a operar-se. A existência da chapa 2, que está pela CUT e pela Greve Geral, representa o início da reversão desse período de derrotas. Nas eleições, venceu a chapa 1, da situação, contraditoriamente se beneficiando da devastação que promoveu na categoria, que esteve à margem das eleições. Mas a chapa 2, apontando o novo, obteve importantes vitórias em vários municípios da Baixada Fluminense, como Caxias, São João do Meriti, Nova Iguaçu e São Gonçalo. A principal expressão da chapa 2 está dada pela presença, à sua frente, da companheira Florinda, uma das principais dirigentes das greves de 79 e líder reconhecida em Caxias. É na continuidade do trabalho da chapa 2 que reside a principal esperança de se reconquistar o CEP para os professores cariocas.

Entre os dias 5 e 10 de dezembro o segundo maior sindicato do país, o dos metalúrgicos do Rio de Janeiro, realizará suas eleições. Concorrem três chapas, sendo que a 1 e a 3 são a continuidade da gestão do atual pelego, Osvaldo Pimentel, enquanto a chapa 2 é a única que representa uma real alternativa aos metalúrgicos cariocas, não só por congregar os melhores ativistas da categoria, mas também por ter clara referência na CUT e na defesa da Greve Geral.

Estas eleições estão marcadas pelo profundo ódio da categoria ao pelego-policial Pimentel. Este ódio tem raízes nas gigantescas traições deste super-pelego à categoria. Estas remontam à importante greve da Fiat, em 80, e se prolongou pelas greves da Ciferal, Standard e dos estaleiros. Com estas traições, Pimentel garantiu aos patrões a possibilidade de descarregar nas costas dos trabalhadores todo peso da crise que eles mesmos criaram. Assim, esta categoria, que possuía 250 mil metalúrgicos ficou reduzida a 140 mil, submetidos ao brutal arrocho salarial. Por causa disso o desgaste de Pimentel foi absoluto perante os metalúrgicos. Isto obrigou que ele se esquivasse de participar de qualquer chapa que viesse a concorrer a essas eleições do sindicato. Assim, Pimentel foi ocupar um cargo na Federação enquanto um dos diretores desta, Nelson, se candidata ao cargo de vice-presidente da chapa 1, com o objetivo de continuar com a política de traição.

Mas o descaramento dos pelegos não tem fim. Assim, tiveram a petulância de apresentar a chapa 1 como de

oposição!!! O mais trágico porém é o fato da chapa 1 ter obtido a adesão de alguns ativistas da ala mais à direita do PT, bem como o apoio do jornal *Em Tempo*. Estas adesões vieram reforçar a grande mentira que é a chapa 1.

Da mesma forma que a chapa 1, a chapa 3, constituída pelos membros do jornal *Hora do Povo*, se apresenta como de oposição. Mas na realidade esta corrente sempre foi uma das principais bases de sustentação de Pimentel, atuando como verdadeiros policiais. Porém, antes de se lançarem com chapa própria, estes stalinistas tentaram entrar na chapa 2, acreditando que os trabalhadores não têm memória. Porém se enganaram, pois os ativistas da chapa 2, em plenária, impediram sua entrada.

Desta forma a chapa 2, pelo seu posicionamento programático e por aglutinar os principais ativistas da categoria é a única alternativa de combate dos metalúrgicos, apesar das vacilações de certos setores que permitiram a inclusão na chapa de prestistas que no passado, quando estavam no PCB, também apoiavam Pimentel. Mas apesar da combatividade da chapa 2 a possibilidade de vitória é reduzida. Pois a destruição a que a categoria foi submetida durante estes anos é muito grande. Mas a criação de organizações de base em apoio à chapa é muito importante. Caso a chapa 2 ganhe, estas organizações de base possibilitarão o cumprimento a fundo do programa da chapa. Caso contrário, servirá para reestruturar a classe, incentivando a sua organização e as mobilizações.

## Congresso da APEOESP

No dia 23, os professores paulistas em greve contra Montoro

O congresso da APEOESP contou com a presença de 300 delegados. Este número não reflete a situação de insatisfação violenta do professorado contra a política de fome do governo Montoro. E não reflete exatamente porque existe uma grande desconfiança da categoria com relação à direção da entidade. Essa desconfiança tem uma base real, na medida que a direção, encabeçada por Gumerindo Milhomen, tem tido sistematicamente uma política de conciliação com o governo estadual. Esta linha de atuação da diretoria impediu que o congresso se realizasse num marco de maior organização e mobilização da categoria, com a votação de um plano de luta para a campanha salarial do próximo ano.

Entretanto, a votação de um dia de greve para o dia 23 de novembro, de forma tardia, recoloca a categoria na via da luta. O objetivo da diretoria é se valer dessa greve como forma de pressão sobre o governo. Porém, para os professores, esse dia de paralisação significa a retomada da mobilização e uma reorganização coletiva para a campanha do início do próximo ano, unificada com o conjunto do funcionalismo. Assim, a tarefa fundamental dos professores é organizar, a partir de grupos de escolas de uma mesma região, caravanas para a concentração em frente à Secretaria da Educação.

O reconhecimento da CUT, com a imediata filiação da APEOESP, foi outra importante resolução do congresso. Essa foi a primeira filiação de uma entidade à CUT, decidida em congresso. Também essa vitória se deu contra o presidente da APEOESP.



Companheiros:

Nestas férias escolares **Alicerce da Juventude Socialista** começará uma série de atividades de formação política para complementar todas as lutas que tivemos este ano. Você que esteve conosco nas eleições e nos Congressos secundaristas e universitários, que esteve no CONCLAT, nos CECLAT's; que trabalhou na preparação da greve geral e que concordou com nossa posição contrária ao adiamento da greve; a você, que é um leitor constante do nosso jornal, dirigimos um chamado para que reflita e discuta sobre toda a atividade da qual você foi parte ativa neste ano.

As atividades teóricas, de estudo do marxismo, do que é o socialismo, são fundamentais para qualquer ativista do movimento estudantil ou do movimento operário. Sem esta formação política, sem o estudo desta teoria, não há prática revolucionária. Por isto o **Alicerce** irá promover em todas as suas sedes duas atividades neste fim de ano que visam este objetivo: palestras sobre a situação política da **Argentina** e as perspectivas da revolução socialista neste país depois das eleições, e cursos sobre "**O que é o socialismo**". Estas atividades estão sendo programadas em todas as sedes com datas diferentes. Pergunte ao companheiro que lhe passou o jornal para quando estão marcadas e compareça. Venha discutir conosco.

Além disto cada sede irá programar outras atividades como grupos de estudo, acampamentos, festas, etc. Procure se informar em qualquer dos nossos endereços. Esta coluna (Construindo o **Alicerce**) informará sistematicamente sobre as atividades de cada sede. Chamamos todos os companheiros das sedes a avisarem a redação do jornal com antecedência.

## CONEG-UBES

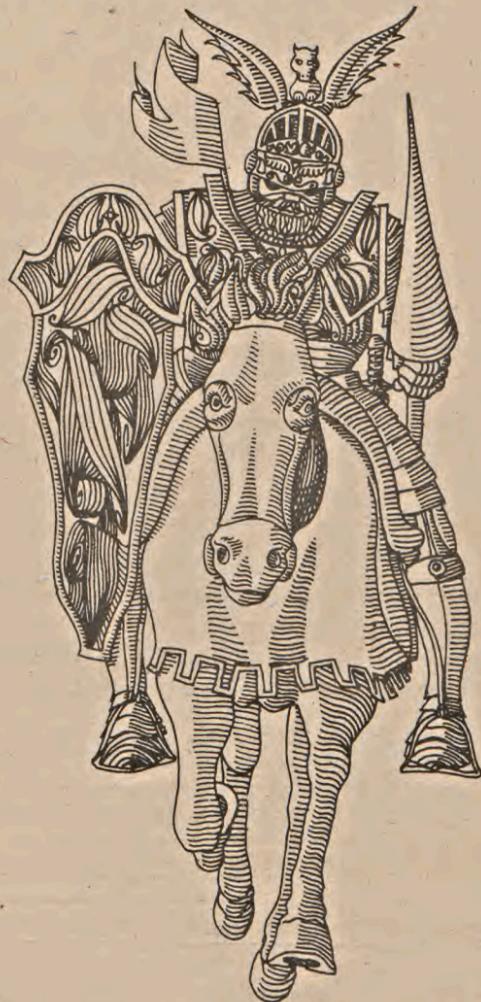
# Contra a diretoria da UBES, Congresso no mês de maio em São Paulo

Realizou-se nos dias 14 e 15 de novembro, no Rio de Janeiro, o IV Conselho Nacional de Entidades Gerais (CONEG) da UBES. Cabe lembrar que a atual diretoria não havia realizado nenhum CONEG desde o Congresso de Campinas, em maio passado, tendo suspenso os dois que foram convocados nesse período.

Este IV CONEG foi o maior desde a reconstrução da entidade nacional, com 51 entidades presentes. Ele demonstrou o crescimento da oposição à diretoria da UBES e sua maior vitória expressa justamente a necessidade dos estudantes substituírem a atual diretoria pelega e stalinista. Essa vitória foi a marcação para 11, 12 e 13 de maio de 1984, em São Paulo, do próximo Congresso da UBES, contra a vontade de sua diretoria que queria adiá-lo para julho, e marcá-lo para Goiânia.

Nos demais pontos de pauta, a aliança dos pelegos da diretoria, alinhados com os apoiadores dos jornais *Voz da Unidade* e *Tribuna da Luta Operária*, em aliança com a direita que dirige a UGES, conseguiram impedir que o Coneg se pronunciasse em apoio à CUT. Em contrapartida, o Conselho decidiu-se pelo apoio a uma Greve Geral convocada unitariamente para o próximo semestre e também pela integração da UBES a uma campanha nacional que mobilize por eleições diretas para presidente. Fato a se destacar foi a completa decadência da corrente *Luta Secundarista*, que compareceu com apenas dois solitários votos (Brasília e Florianópolis), se omitindo assim do combate à diretoria da UBES.

**Alicerce**, com 10 entidades presentes, foi quem garantiu esse combate, em particular a defesa da CUT, da Greve Geral e da campanha mobilizadora por eleições diretas para presidente, assim como do Congresso em maio, em São Paulo.



## Eleições DCE-USP

# A vitória do anticomunismo

Nas eleições do DCE-USP dois fatos significativos se destacaram: o menor colégio eleitoral jamais registrado nas eleições desta entidade e a profunda despolitização da campanha das chapas.

Desde a reconstrução das entidades gerais dos estudantes universitários, UNE e UEE's, estas tem sido, em geral, dirigidas pelos stalinistas. Sob esta direção as entidades passaram a se burocratizar, transformando-se em aparelhos políticos a serviço da conciliação com os governos "democráticos", com as reitorias, etc, etc. Por aí, introduziu-se, ao lado do refluxo parcial que atingiu as lutas dos trabalhadores, em 81 e 82, a dispersão do movimento estudantil e o contínuo afastamento destas entidades dos estudantes e suas lutas.

A reversão desta situação começou com as chapas petistas em 82 e se ampliou enormemente com a retomada das lutas dos trabalhadores contra a ditadura e os patrões e com a criação da CUT. Os reflexos se fizeram sentir imediatamente entre os estudantes, que armados politicamente em torno da defesa da CUT e da preparação da Greve Geral combateram aos stalinistas e à sua política de conciliação. O movimento estudantil voltou a ferver, a se recompor, os congressos das UEE's de SP, RJ, Paraná desbancaram os stalinistas de suas diretorias ao mesmo tempo que reconheciam a CUT e o seu programa. Apesar desta recuperação geral do movimento, ela é desigual e a USP é um reflexo disto pois, após um ano de gestão dos stalinistas, a recomposição na USP ainda é inicial. Daí a pouca participação e a despolitização.

**Oposição**, a chapa vencedora, apresentou um programa cujo principal eixo político era atacar as tendências políticas acusando-as de responsáveis pela atual decadência do DCE-USP. Esta chapa, produto da aliança entre os membros da *Liberdade e Luta* (que agora se dizem independentes) e os autonomistas, representantes da direção estadual do PT, só absorveu do PT o que este tem de pior: a postura anticomunista, contra as correntes de esquerda, reflexo dos setores mais à direita do partido. Esta posição da chapa

**Oposição** é contrária ao grande avanço que representou para o M.E. a existência das tendências políticas. Atacar a sua existência é negar a discussão política, é fugir da luta de classes. As tendências representam o grau de politização que a luta de classes produziu. Uma das principais reivindicações dos trabalhadores é exatamente o de dar ampla liberdade de expressão e organização a todas as tendências operárias que vivem hoje na clandestinidade. O que a **Oposição** deseja é aprofundar a despolitização do M.E. na USP.

Universidade, chapa dos stalinistas, trazia no bojo do seu programa a proposta do total isolamento dos estudantes das lutas dos trabalhadores, ou seja, continuar a destruição do DCE e transformar a USP em uma ilha. *Deliriosc* refletiu a que ponto a política do stalinismo conseguiu desarticular a vanguarda da USP. Na campanha pediam aos estudantes para não votarem neles, pois tudo era brincadeira. A irresponsabilidade e a falta de seriedade foi a principal arma política desta chapa.

**Avesso**, apoiada por **Alicerce**, participou com o objetivo de combater a despolitização das outras chapas e reverter o marasmo que tomou conta da USP. A defesa da CUT, o apoio à realização da Greve Geral foram as principais bandeiras da chapa, exatamente porque refletem não só os avanços dos congressos das UEE's como as principais conquistas e necessidades dos trabalhadores.



# Os secundaristas de São Paulo com a CUT, contra a ditadura.



Apesar do cansaço causado por vários dias de campanha, com a ida das chapas às escolas, com a sua apresentação a milhares de alunos nas salas de aula e nos pátios, apesar dos enfrentamentos com a repressão, exercida pelos diretores, da dificuldade de locomoção, todos aqueles estudantes que atuaram nos processos eleitorais para a UPES e para as UMES de S. Paulo, Diadema, S. Carlos e S. José dos Campos, podem se orgulhar de terem participado da maior eleição que os estudantes secundaristas já realizaram, desde a reconstrução de suas entidades. Mais orgulhosos ainda devem estar aqueles que atuam e votaram no Alicerce, que se utilizaram dessas eleições para divulgar o socialismo entre a juventude, para reafirmar a aliança operário-estudantil através da divulgação da CUT e seu programa de lutas, para denunciar o governo Montoro como sócio de Figueiredo na aplicação dos planos de arrocho e de repressão. A vitória de Alicerce (ver quadro de apuração) representa o reconhecimento por parte dos estudantes secundaristas de que suas reivindicações só poderão ser atendidas no campo da luta e não na conciliação com a ditadura; ao lado dos trabalhadores e suas organizações e não através da conciliação com os patrões e seus partidos; na luta contra o imperialismo exigindo a expulsão do FMI do Brasil, não pagando a dívida externa, e no apoio à luta mundial dos trabalhadores, exigindo o fim da invasão ianque a Granada. Esta é a prática

RESULTADOS FINAIS	UPES	UMES
Alicerce	32.568	9.853
Viração	16.333	5.633
Oposição	8.168	5.238
Avante	4.376	—
Mãos à Obra	—	4.757
Nascente	—	2.762
<b>TOTAL</b>	<b>61.445</b>	<b>28.243</b>

e o programa de Alicerce. Foi nesse programa que os estudantes votaram.

Os resultados não deixam dúvidas de que as propostas de Alicerce contam com o apoio da grande maioria dos estudantes secundaristas, mantendo-se desde 80 como a principal força do movimento. Em contrapartida, mostrou que a chapa *Oposição* (constituída pelos simpatizantes de *O Trabalho*) experimentou uma sensível queda na sua votação. Só podemos entender essa queda como produto do abandono de sua identidade enquanto corrente e da perda dos princípios em seu método que incorpora cada vez mais a mentira e a falsificação em lugar da prática política (ver matéria abaixo). Nestas eleições este fato ficou claro pela campanha que realizaram, onde o principal destaque foi o ataque contínuo e sistemático a Alicerce, abandonando por completo o debate político com os estudantes. Este método de calúnia foi usado porque em caso contrário, seria muito difícil explicar a estes mesmos estudantes porque não saíram junto com Alicerce que defendia o mesmo conteúdo programático da chapa *Oposição*. *Viração* (simpatizante do jornal *Tribuna da Luta Operária*) por sua vez demonstrou que o seu grande trunfo eleitoral estava na utilização da máquina estatal de Montoro. O crescimento de *Viração* nestas eleições foi produto de uma campanha que apostou na despolitização e em algumas ajudas extras como a portaria de última hora do secretário da educação (ver matéria abaixo) proibindo única e exclusivamente a Alicerce de entrar nas escolas, e à ajuda de alguns diretores de escola, como a diretora do colégio Esther Frank de Sto. André, que entrou nas salas de aulas para defender a Montoro e para pedir votos para *Viração* por também defender o governador (em Sto. André *Viração* obteve 1065 votos, sendo 1000 provenientes do Esther Frank).

Por esse quadro pode-se notar que a vitória de Alicerce foi dupla: manteve-se como a maior corrente do movimento e, apesar da campanha contra Alicerce feita por todas as correntes, Montoro e Folha da Tarde, divulgou um programa socialista com base na aliança operário-estudantil e na denúncia de Montoro, da ditadura e do imperialismo.

## A repressão de Montoro contra Alicerce, contra a UPES e as UMES.

Desde a posse do governo "democrático" de Montoro em março deste ano, a sua principal característica tem sido, como Alicerce denunciou até agora, a de garantir os planos de arrocho de Figueiredo por meio da repressão aos trabalhadores e à juventude, através da sua polícia "democrática". Na recente realização dos congressos e eleições secundaristas confirmaram-se nossas denúncias.

Na proximidade dos congressos, por pressão da mobilização dos estudantes, dirigidas por Alicerce, o governo Montoro, por meio de seu secretário da educação, Paulo de Tarso, abriu as escolas para a entrada dos representantes das entidades secundaristas. Isto logo provocou a reação do reacionaríssimo e fascistoide jornalista "Folha da Tarde", instrumentado diretamente pela repressão, que com uma mancha alucinante, acusava o governo Montoro de "abrir as escolas à subversão". Logo, Montoro mostrou a sua "defesa da democracia", ao proibir a entrada dos representantes dos sindicatos estudantis nas escolas. Novamente por pressão de mobilização, agora por ocasião das eleições da UPES e UMES, Montoro permitiu a realização das eleições nas escolas. Nova reação da "Folha da Tarde" acusando uma vez mais o governador de permitir o avanço da subversão, porém, desta vez, identificando os "subversivos" ao estampar em manchete de primeira página a carta programa de Alicerce. A resposta do governador não se fez esperar: proibiu a entrada de Alicerce nas escolas, só de Alicerce! Por que isso? Na verdade, o ataque a Alicerce atinge diretamente às UMES e à UPES. A existência destas entidades são um real obstáculo à manutenção da ação do governador Montoro, de defesa da política de arrocho de Figueiredo que, no ensino, significa menos verbas para as escolas e salários insuficientes para os funcionários e professores. Assim para atacar a UPES e a UMES a ditadura, via "Folha da Tarde" e Montoro, ataca a Alicerce porque além de ser a sua direção combativa e a corrente que mais se empenhou na sua construção, Alicerce, no seu programa, defende claramente a CUT e se propõe a somar forças com os trabalhadores na realização da Greve Geral para derrubar os pacotes de fome e a ditadura militar. Estes são os motivos do ataque fascista, a Alicerce e, por essa, via, à UPES e à UMES. Tanto esta campanha fascistoide promovida pela *Folha da Tarde*, como a ação repressiva de Montoro merecem o mais veemente e contundente repúdio de todos aqueles que defendem a democracia e a livre expressão e manifestação de todas correntes políticas que se reivindicam operárias e democráticas. Mas tal repúdio, infelizmente, até aqui nem chegou a se esboçar. Aliás, correntes como *Viração*, *Mãos à Obra* e *Oposição* usaram tal fato para se beneficiarem nas eleições. A posição da chapa *Oposição* foi mais vergonhosa, pois além de não sair em defesa de Alicerce, lançou-se numa campanha de calúnia, acusando-nos de sermos "contra a CUT". Ironicamente, a polícia, pelas avessas acusava Alicerce justamente por defender a CUT e a Greve Geral. Diante desse ataque repressivo, chamamos a todas as organizações políticas que se reivindicam operárias e democráticas a se somarem na defesa da UPES e das UMES, que hoje passa pela defesa do direito de expressão de Alicerce ou de qualquer corrente do movimento que venha a sofrer o mesmo golpe. A defesa de Alicerce, da UPES e da UMES, por parte da direção da CUT é ainda mais imperiosa já que o ataque fascista representou também uma investida contra o programa da CUT e contra a Greve Geral.

## Nas eleições, uma vez mais os métodos canalhescos de *O Trabalho*

O seguidismo cego e acrítico da corrente do jornal *O Trabalho* (OT) às direções do PT e da CUT continua a fazê-la chocar-se com a realidade da luta de classe, em ações difíceis de serem justificadas perante os trabalhadores e estudantes sem a utilização do método das mentiras e calúnias próprias do stalinismo.

As eleições da UPES e das UMES, nos dão um bom exemplo da utilização desses métodos deploráveis por parte da direção de OT, que nelas se apresentou através da chapa *Oposição*, com um programa em linhas gerais idêntico ao do Alicerce, tendo na defesa da CUT o ponto principal. Por isso mesmo, Alicerce propôs à *Oposição*, como a todas as outras correntes que defendiam o mesmo conteúdo programático, que se configurassem em uma única chapa em torno da CUT e da Greve Geral, rechaçando assim o bloco stalinista que procura bombardear a organização classista e independente dos trabalhadores. Mas OT preferiu romper o bloco dos que estavam a favor da CUT. Como não podia justificar politicamente essa decisão, apelou para a saída fácil das calúnias e falsificações, afirmando que a tomava para combater o "imobilismo" de Alicerce, a direção da UPES e da UMES-SP. E uma vez que entraram no redemoinho das falsificações, a alternativa era continuar para não se estatelar no chão. Por isso, em plena votação, a chapa *Oposição* lança dois panfletos, cujo eixo principal era o de denunciar que Alicerce era também contra a CUT.

Na realidade, o que OT deveria ter feito, se tivesse um mínimo de honestidade política, era publicar uma auto-crítica pela ausência de seus militantes nas principais atividades promovidas pela CUT, como a preparação da Greve Geral do dia 25 ou mesmo anteriormente, quando se colocaram claramente contra, nas páginas de seu jornal, a Greve Geral do dia 21 de julho, sob o esfarrapado argumento de que esta era dirigida pelos pelegos, fato que fez

com que parcela considerável dos ativistas operários os chamassem, justificadamente, de *fura greves*. Quanto ao imobilismo de Alicerce, os fatos falam por si. Onde fosse que Alicerce tivesse militantes, eles participaram de todos os comandos formados para organizar a Greve Geral de 25 de outubro, como já o havia feito no dia 21 de julho. Participamos de dezenas de piquetes em portas de fábricas convocando a Greve. Promovemos várias passeatas no dia 24, como forma de estimular a paralisação do dia 25, posteriormente *suspensa pela direção da CUT, com os aplausos de OT*. Através da UPES e da UMES-SP, organizamos dezenas de escolas na adesão a essa luta. Em todos os congressos secundaristas, tanto das entidades já formadas, como daquelas que estavam se formando, Alicerce, como corrente majoritária em todas elas defendeu a CUT e o seu programa, permitindo com isso que em todos esses congressos fossem aprovados o apoio à CUT e À PARTICIPAÇÃO DOS SECUNDARISTAS NA Greve Geral. Além disso, sob a direção de Alicerce, que mobilizou os estudantes permanentemente contra a repressão do governo Montoro, com a sistemática ausência de OT, o movimento conseguiu abrir as escolas tanto aos Congressos de nossas entidades como às eleições diretas para elas. Onde o imobilismo a que se referiu OT/*Oposição*? Quem na realidade está contra a CUT? Alicerce, que se utilizou de todas as suas forças na defesa da CUT e da Greve Geral, ou OT que ficou esquentando a bunda nas cadeiras das escolas discursando suas calúnias e aplaudindo a suspensão da Greve Geral?

Não nos é difícil entender como uma organização que perdeu o referencial dos princípios possa decair tanto. Mas nos causa estranheza o fato de que um dos panfletos de *Oposição* ao qual nos referimos inicialmente traga o apoio explícito de Jair Meneghelli,

coordenador geral da CUT, a esta chapa. Nesse documento consta que Meneghelli defende a "formação de um polo dinâmico no movimento secundarista para combater o imobilismo das direções da UPES e da UMES, transformadas em entidades fantasmas". Inicialmente, não entendemos quais os critérios de que Meneghelli se valeu para dar esse pretensão apoio exatamente à chapa de OT, entre as tres que defenderam a CUT em seus programas. Se o critério fosse baseado no apoio ativo, militante à CUT e à Greve Geral, a opção de Meneghelli só poderia recair sobre Alicerce, por tudo que foi dito acima. Além disso, o fato desse companheiro igualar, no texto a ele atribuído, a direção de Alicerce na UPES à direção stalinista da UMES, chamando a UPES de entidade fantasma, só pode resultar numa situação extremamente delicada para este dirigente perante os 33 mil estudantes que votaram em Alicerce (a maioria absoluta do colégio eleitoral) exatamente por ver nessa direção aquela que defende incondicionalmente as reivindicações dos estudantes e a sua aliança com os trabalhadores. Se esses estudantes confundissem gatos com lebres e aceitassem a indicação de Meneghelli, a UPES e as UMES, objetivamente, estariam agora enfraquecidas. Como não foi assim, quem saiu desgastado foi o próprio Meneghelli. Não nos esqueçamos que a chapa *Oposição* foi a única que claramente decresceu em relação ao apoio eleitoral que recebeu nas últimas eleições.

Na verdade, OT se valeu de Meneghelli buscando dar a entender um apoio da direção da CUT à sua chapa. Outra falsidade. Nenhuma reunião da direção da CUT decidiu qualquer coisa próxima a isso. E se for verdadeira a afirmação atribuída ao coordenador geral da CUT, só podemos entender que a linha de calúnias combinada ao puxa saquismo de OT teria conseguido a adesão desse dirigente, o que seria profundamente lamentável.